

CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU O APRENDIZADO APLICADO NA PRÓPRIA UNIVERSIDADE

Leonardo Willyam de Assis Weck¹; Régis Kazuo Mori²; Luiz Teixeira do Vale Pereira³;
Walter Antonio Bazzo⁴

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – Curso de Engenharia Mecânica
88 040 900 – Florianópolis – SC – Brasil
leo_weck@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Santa Catarina – Curso de Engenharia Mecânica
88 040 900 – Florianópolis – SC – Brasil
regismori@gmail.com

³ UFSC – Centro Tecnológico – Departamento de Engenharia Mecânica
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET)
88040-900 – Florianópolis – SC
teixeira@emc.ufsc.br

⁴ UFSC – Centro Tecnológico – Departamento de Engenharia Mecânica
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET)
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT)
88040-900 – Florianópolis – SC
wbazzo@emc.ufsc.br

***Resumo:** São abordados alguns paradoxos da educação universitária brasileira. Através de alguns exemplos, são apresentadas e discutidas dissonâncias entre o discurso acadêmico – o se quer ensinar em sala de aula (com ênfase nos cursos tecnológicos) – e o que a própria instituição universitária faz e aceita de si, oferecendo, inadvertidamente, preocupantes contra-exemplos de seu próprio discurso. Pretende-se com este artigo abrir discussões a respeito do que a universidade se propõe a fazer pelos outros, mas não aplica para si própria.*

***Palavras-chave:** Paradoxos teoria e prática, Educação universitária, Ensino*

1 RESPONSABILIDADE EDUCACIONAL – UMA QUESTÃO

É voz corrente, quase uma unanimidade, atribuir-se à educação a responsabilidade pela solução de todos os males sociais. Especialmente em países que apresentam índice de desemprego elevado, a falta de escolaridade é apontada como principal causa das deficiências nos quadros de mão-de-obra qualificada. E ao fazer isso, reduz-se um problema complexo a apenas um grande vilão, depositando nele não só as culpas, mas também toda a esperança de salvação. Este equívoco, diga-se sucintamente, esquece inúmeras outras instâncias co-responsáveis pelos desacertos que afligem as sociedades.

De qualquer forma, essa visão, numa primeira análise, induz à conclusão de que faltam trabalhadores com grau de instrução superior. Instruído adequadamente um contingente de cidadãos em idade produtiva, estariam sanados os problemas daí decorrentes.

Outra leitura do quadro social atrelada a essa visão põe em destaque a dificuldade de formar mais pessoas com nível superior, tendo em vista o alto grau de desenvolvimento

tecnológico atual. Este nível de desenvolvimento exigiria pessoas mais qualificadas para absorver e entender a avalanche de novos conhecimentos disponíveis. A própria mídia, por sua vez, ajuda a avolumar e cristalizar estas interpretações, divulgando insistentemente uma leitura parcial do contexto social contemporâneo.

Desta forma, uma questão crucial é posta para o sistema educativo, em especial o universitário: ele está preparado para arcar com essas responsabilidades, tendo em vista a sua estrutura e considerando as incoerências que permeiam o seu funcionamento?

2 A TEORIA NA PRÁTICA É OUTRA

Mesmo considerando as responsabilizações de que é alvo a universidade, pouco tem sido feito para fazer frente a esse papel que a ela se impõe. Tanto externa quanto internamente, a instituição universitária, na qualidade de formadora de cidadãos conscientes e bem preparados para o mercado de trabalho impregnado de modernas tecnologias, não tem merecido atenção suficiente para cumprir o seu papel.

Quando esse descuido emana do lado de fora de seus muros, o problema – embora não menos grave, e ainda assim paradoxal – é compreensível. Mas quando dissonâncias abissais se entranham entre o discurso acadêmico e a sua prática, ganha conotações mais fortes e delicadas, por passar do âmbito do explícito, do utópico, para o “invisível concreto”. Subliminarmente, o processo educacional passa a exercitar a máxima que permeia o imaginário do senso comum, que professa que, na prática, a teoria seria outra. Este é o campo por excelência do currículo oculto, aquilo que passa nas entrelinhas do discurso do professor, sem que ele próprio perceba.

Talvez seja em função de tudo isso que é cada vez menos comum perceber-se universitários em condições de aproveitar a universidade como instituição plena e plural, beneficiando-se de tudo que ela pode ensinar, construir e promover tanto na vida pessoal como profissional.

Esse comportamento, por certo, é resultado de múltiplas variáveis. Parte-se aqui do pressuposto de que uma delas, de forte importância no processo de aprendizagem, é a dissonância aqui enfocada.

Uma consequência direta do modo como a universidade cuida de si parece conduzir a mudanças nos resultados de suas ações. De local onde grandes idéias surgiam e grandes cabeças pensavam, ela tem se transformado cada vez mais em local onde se perpetuam rotinas, tudo em prol de uma questão de ordem que ainda faz sentido no mundo contemporâneo: fazer dinheiro.

A maior prova do esquecimento que a universidade sofre e do caráter eminentemente profissional que o ensino superior prega hoje no Brasil é o fato de inúmeras instituições de ensino superior formarem milhares de profissionais de grande capacidade técnica e que são incapazes de resolver problemas internos primários. Isso, obviamente, vai se estender enormemente quando, com o tempo, estes profissionais oriundos dos ambientes universitários estiverem atuando na sociedade.

Isso não seria esquecer um pouco de sua própria casa? Ou mais ainda: o profissional deve se preocupar em solucionar as necessidades e problemas da sociedade, porém a Universidade não é parte inerente dela? Existe maneira mais direta de a Universidade cooperar e interferir nesta problemática do que contribuindo para si mesma com a melhoria de sua estrutura e de seus sistemas, tendo como base os saberes que ela própria ajuda a construir e ensinar?

Independentemente de posições, cargos, atividades e responsabilidades assumidas dentro da instituição, sejam discentes, docentes, funcionários ou dirigentes, ninguém está isento desta responsabilidade.

O foco principal deste texto é mostrar da maneira mais imparcial possível alguns fatos

relacionados com essa discussão.

Porém, mais que apenas discutir, propõe-se pensar em um desenvolvimento mais coerente e mais afinado com os propósitos deste importante setor da sociedade que é a universidade.

3 VISÃO DE ESPECIALISTAS

Em relação à situação que a universidade se encontra atualmente, o geógrafo Milton Santos emite uma opinião reveladora e bem direta a respeito desse assunto.

Segundo ele, a universidade se burocratizou:

A forma como as universidades estão sendo geridas atualmente é burocrática, amarrada a regras. Em cada departamento, que deveriam gerir as coisas e não as pessoas vigoram leis, às quais os professores devem se submeter, e prêmios, concedidos àqueles que cumprem as regras. A cooptação é feroz. O resultado disso é a redução da autonomia intelectual do corpo docente e da capacidade de se fazer uma autocrítica. Os professores estão imobilizados. Cada vez que um colega passa para o lado da burocracia é um caminho sem volta. Eu costumo dizer que o “buroprofessor” é pior do que o burocrata simples. Isso porque ele detém o conhecimento. A burocracia dentro da universidade tem a tendência de dar mais importância aos meios do que aos fins, de privilegiar o resultado ao invés do conjunto. Isso a universidade não suporta. Ela é a única instituição que não suporta ser institucionalizada. (Milton Santos, *Jornal do Brasil*, 27/08/2000)

Observa-se que ele exprime uma posição firme de insatisfação em relação aos professores que têm se burocratizado, e coloca isso como grande responsável pela situação atual da universidade. Continua ele dizendo que a universidade tem deixado um pouco de lado a formação de intelectuais – para ser bem ameno na crítica, porque de fato parece que ela tem abandonado quase que completamente essa missão –, e tem passado a formar letrados, sujeitos que, ao contrário dos intelectuais, são incapazes de ampliar e aplicar os conhecimentos que possuem.

Na mesma entrevista, ele segue com sua linha de raciocínio afirmando que “A universidade vive um debate que se refere ao outro, quando deveria se voltar para suas próprias questões”. Nesta frase, ele é enfático ao dizer que não existe a preocupação necessária para com as questões internas da universidade. E prossegue afirmando: “Somente voltando o olhar para dentro dos campi é que será possível restaurar o clima de liberdade, de criar e pensar”.

Mas ele não se mostra cético, e ainda se mostra otimista em relação a alguns movimentos dentro da universidade, que antes passavam despercebidos, e hoje ganham maior notoriedade. Segundo ele, isso pode ser o começo da mudança. Posto isso, Milton Santos cita uma das únicas saídas para todo este processo de desburocratização indispensável. E, para o pleno desenvolvimento de idéias dentro da universidade, propõe o retorno imediato das atenções para dentro da instituição, tomando providências imediatas para uma reavaliação de seus propósitos e deveres para com ela e para com a sociedade.

As opiniões de outros dois estudiosos neste tema são acrescentadas aqui para reforçar as percepções e análises empíricas. São eles Ivanor Nunes do Prado e Lúcio Tadeu Mota – ambos publicaram ensaios sobre essa problemática na edição de julho de 2002 da revista *Espaço Acadêmico*. Ivanor Nunes do Prado¹ e Lúcio Tadeu Mota² citam trechos dos estudos

¹ Doutor em Bovinocultura, Professor titular do Departamento de Zoologia da Universidade Estadual de Maringá.

² Doutor em História e Professor Associado do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

de Luiz Antônio Cunha³ e também de Carlos Lessa.

A Universidade Brasileira pouco conhece de si mesma e pouco exerce sua capacidade de pesquisa e de crítica sobre si mesma. É compreensível que assim seja, mas não é aceitável, tratando-se de uma instituição que historicamente se define como uma instituição crítica. (Luiz Antônio Cunha)

Precisamos erradicar de nosso discurso a afirmação de que somos bons, incompreendidos e injustiçados. Não há nenhuma razão para sermos uma ilha de felicidade [...] Superar o muro de lamentações é pré-condição para a cidadania acadêmica e o enfrentamento objetivo da crise. (Carlos Lessa)

Nas citações de Luiz Antônio Cunha, observa-se que estas não fogem muito do que Milton Santos descreveu sobre a necessidade de maior atenção voltada para si mesma pela própria universidade, pelos que a compõem e dependem dela. Ele cita também o fato de historicamente essa ser considerada uma instituição crítica. Como visto anteriormente, Santos, de maneira distinta, crê que a universidade vem perdendo essa característica.

Já Carlos Lessa pede atitude. Segundo suas palavras, nota-se que existe uma falta de atitude e mobilização e um muro de lamentações que tem prejudicado o bom andamento da instituição. Lessa inclusive cita que a primeira barreira das lamentações ainda deve ser superada.

Segundo publicação de Renato Dagnino, no volume 27 de revista *Espacios*, de 2006,

Nossa comunidade de pesquisa decidiu que carreira acadêmica deve depender de onde os pesquisadores publicam seus *papers*: publicado no exterior vale x, publicado no Brasil vale x menos delta x. Qualquer ator social, e a comunidade de pesquisa é um ator social, possui interesses. E ela vai orientar a política científica e tecnológica, quanto mais ela puder, no sentido de atender aos seus interesses. Em outras palavras, o professor pesquisa, pesquisa, pesquisa, orienta, orienta, orienta, publica, publica, publica e, a partir de um determinado momento, em função do prestígio acadêmico que ele granjeou, passa a ser um chefe de departamento, um diretor de unidade, um reitor, etc. Esse mecanismo de acumulação de poder, baseado no prestígio, não tem nada a ver com algo racional, com uma capacidade técnica para decidir sobre qual tipo de atividade de pesquisa e docência é mais adequado para a sociedade.

Dagnino apresenta uma visão extremamente crítica do meio acadêmico em relação à pesquisa. Existe a insatisfação de muitos em relação ao prestígio que professores obtêm com número de publicações e não propriamente com pesquisas que serão de fato úteis para a sociedade no presente e no futuro.

Observa-se que, de todas as opiniões apresentadas, nenhuma delas divergiu significativamente. Todos têm noção de que o problema está relacionado com a falta de propriedade das pessoas que compõem e dependem da universidade de passar a olhar mais internamente para os problemas e começar a agir, sem lamentações, ou seja, de maneira ativa.

4 A DIMENSÃO DO PROBLEMA

Em várias instituições, problemas semelhantes aos aqui relatados podem ser encontrados.

³ Sociólogo, formado em 1967 que dedicou-se a ensinar e pesquisar temas educacionais, desde o início de sua carreira. Para lecionar Sociologia da Educação, pediu transferência do Departamento de Sociologia, onde atuava, para o Departamento de Educação da Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), em 1971. Aprofundando-se no estudo desses temas, fez mestrado e doutorado em educação. Apesar de algumas variantes pela consultoria, sua carreira profissional se desenvolveu no âmbito das instituições de ensino superior.

Mas, em linhas gerais, este trabalho é baseado na realidade vivida na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, e analisada num trabalho especulativo que serve de alerta para problemas ainda mais profundos. Este trabalho foi realizado durante um semestre letivo e serviu como artigo final da disciplina “Tecnologia e Desenvolvimento”, por dois estudantes de engenharia mecânica.

As bases para os casos referidos e as discussões aqui empreendidas foram tomadas de duas fontes: observações de problemas detectados pelos autores e informações disponibilizadas pela própria universidade. Analisando esta última fonte, pode-se ter acesso a diversos números que mostram a capacidade da instituição, quantidade de alunos de graduação e pós-graduação, professores, funcionários e procura por cursos a cada ano. Estes dados revelam, de alguma forma, a dimensão dos problemas relatados.

Todos os dados abaixo relacionados foram coletados nos materiais de divulgação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em especial no endereço www.ufsc.br.

Tabela 1 – Número da UFSC, de 2000 a 2006

VESTIBULAR							
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Candidatos Inscritos	31.314	35.226	38.314	40.361	37.695	40.132	36.457
Vagas Oferecidas	3.802	3.802	3.842	3.880	3.890	3.920	3.920
Relação Candidato/Vaga	8,24%	9,27%	9,97%	10,40%	9,69%	10,24%	9,30%
Inscrito por Experiência	794	609	1.024	942	1.167	1.190	1.317

Na Tabela 1 são mostrados números informando quantos alunos procuram a universidade anualmente em busca de possibilidades para poderem cursar o ensino superior. Comparado ao número de vagas oferecidas, pode-se perceber que muitos estudantes não têm a oportunidade de ingressar no curso desejado. Mesmo assim a disponibilidade de colocação que a universidade oferece é grande. Em média, 3.900 novos alunos iniciam um dos 62 cursos (entre turnos e habilitações) disponibilizados pela instituição.

Tabela 2 – Distribuição e matrículas na UFSC

MATRÍCULAS							
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Pós-Graduação	10.133	10.776	10.320	11.371	11.404	8.903	5.558
Especialização	3026	2773	3.115	3.027	4.307	2.866	581
Mestrado	5462	6057	5.563	6.128	4.834	3.822	3.111
Doutorado	1645	1946	1.642	2.216	2.263	2.215	1.866
Ensino Superior	17.111	17.585	18.664	19.181	18.491	18.651	21.589
Graduação	16692	17391	18.108	18.820	18.491	18.151	19.045
Ensino de Graduação à Distância	419	194	556	361	0	500	2.544
Ensino Básico	1.737	1.756	1.777	2.073	2.312	2.775	2.440
Médio	608	658	548	611	646	1.270	685
Técnico	459	540	616	851	1.046	905	1.155
Fundamental	670	558	613	611	620	600	600
Núcleo de Desenvolvimento Infantil (Pré-escolar)	271	279	284	286	278	278	278
TOTAL	29.252	30.396	31.045	32.911	32.485	30.607	29.865

Na tabela 2 pode-se constatar o número de matrículas efetuadas anualmente, entre novos alunos, ensino básico, graduação e pós-graduação. Cerca de 30.000 (trinta mil) alunos todos os anos estão vinculados à universidade, recebendo dela, através de aulas ou de pesquisas, o conhecimento que procuravam ao entrar na instituição.

Tabela 3 – Diplomas da UFSC, de 2000 a 2006

DIPLOMADOS							
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Pós-Graduação	2.699	2.564	3.438	3.915	2.691	2.295	1.118
Especialização	1324	1234	1.153	1.359	999	791	-
Mestrado	1227	1183	2.014	2.188	1.333	1.156	914
Doutorado	148	147	271	368	359	348	204
Ensino Superior	2.245	2.507	3.152	3.114	2.764	2.752	2.688
Graduação	2148	2343	2.554	2.774	2.764	2.752	2.688
Ensino de Graduação à Distância	97	164	598	340	0	0	0
Ensino Básico	327	300	363	291	402	409	0
Médio	182	145	262	134	132	135	-
Técnico	145	155	101	157	198	274	-
Fundamental	65	67	62	68	72	75	-
TOTAL	5.271	5.371	6.953	7.320	5.857	5.456	3.806

Tabela 4 – Quadro docente da UFSC, por titulação

DOCENTES ENSINO SUPERIOR - TITULAÇÃO							
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
GRADUAÇÃO	99	84	72	50	43	39	32
ESPECIALIZAÇÃO	122	114	96	77	66	58	51
MESTRADO	560	494	424	375	324	292	269
DOUTORADO	877	938	1.041	1.053	1.119	1.160	1.248
TOTAL	1.658	1.630	1.633	1.555	1.552	1.549	1.600

Na tabela 3 é apresentado o número de diplomados, tanto na graduação quanto na pós-graduação, que todos os anos deixam a instituição em busca do mercado de trabalho, ou mesmo de novas especializações dentro da própria universidade.

Na tabela 4 tem-se um quadro do corpo docente, discriminado pela titulação.

Considerando que esta é apenas uma das dezenas de instituições universitárias brasileiras – que não é das maiores –, e considerando que, de alguma forma, ela espelhe a realidade das demais instituições nacionais, pode-se inferir o universo de atingidos diretamente pelos problemas aqui apresentados.

5 ALGUNS EXEMPLOS

Vários exemplos dessa dissonância entre discurso e prática podem ser coletados nos campi universitários brasileiros sem muito esforço. E as conseqüências disso que se chama “desacerto educacional”, mesmo que às vezes de forma escamoteada, podem ser vistas e sentidas no dia-a-dia dentro e fora das escolas.

São apresentados agora alguns exemplos dessas desconformidades.

Procurando entre as várias disciplinas, dos mais variados cursos, que buscam trabalhar diversas teorias, importantes definições podem ser encontrados nos discursos que mostram ideais utópicos bem estruturados, teoricamente coerentes. Mas, em várias situações, tais discursos não se voltam para o seu entorno próximo, como se a teoria estivesse acondicionada em uma auréola protetora. Como conseqüência, quando o aluno sai da sala de aula, voltando o seu olhar para o mundo lá fora, percebe que o que ele aprendeu só está dentro dos livros, não “vale” para a vida.

5.1 CASO UM

Primeiramente, o que mais pode ser visto ao andar pela universidade é a quantidade de

novas edificações, ou então edificações mal-acabadas ou mesmo inacabadas.

Diversos casos graves e polêmicos sobre construções civis ocorrem nos campi. Denomine-se de Prédio A uma edificação que envolve um caso recente ainda sem solução ocorrido no centro tecnológico da universidade tomada como base de análise. Tal situação ficou conhecida por seus problemas estruturais, de segurança e por diversas irregularidades técnicas.

Uma das disciplinas ministradas para os cursos de engenharia civil e engenharia de produção civil é a de Instalações e equipamentos prediais, que, dentre outros assuntos, aborda a questão da segurança através da prevenção contra incêndios.

Segue um trecho da ementa da matéria, que apresenta como deve ser um sistema de prevenção de incêndio.

INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS PREDIAIS

Instalação predial de prevenção contra incêndio

Classificação das edificações

Sistema preventivo por extintores

Sistema hidráulico preventivo

Instalação de gás

Projeto de instalação predial

Com relação à prevenção de incêndios, o que pode se constatar no Prédio A é extremamente contraditório. Após o Corpo de Bombeiros analisar a construção, chegou-se à conclusão que a obra estava irregular em vários pontos, dentre eles: as escadas enclausuradas têm portas corta-fogo feitas de madeira semi-oca; o duto de saída de gases foi construído com sua terminação obstruída, vedada; os orifícios coletores de gases para o duto principal em cada andar foram feitos em nível muito baixo e com venezianas de alumínio; a abertura das portas na rota de fuga é feita contra o fluxo de pessoas; as portas de saída das escadas de emergência no andar térreo não suportam o fluxo na mesma; pára-raios instalado em nível mais baixo do que o ponto mais alto do prédio; hidrantes de incêndio obstruídos por portas.

Vale salientar que a responsabilidade pelas edificações da universidade é da própria instituição, através de departamento próprio, que em uma correspondência alega que há interferências de pessoas não qualificadas nos projetos e nas obras e que esta situação “desestimula, em muito, o acompanhamento e a fiscalização desta e de outras obras [...] provocando um afrouxamento dos serviços das empreiteiras, que deveriam obrigatoriamente respeitar todas as especificações e recomendações construtivas”.

Considerando que a instituição é formadora de profissionais de arquitetura, de engenharia e de administração e que estes jovens percebem os problemas e vêem esta situação como parte da realidade da sua futura vida profissional, como fica a responsabilidade educacional? Onde estão os conhecimentos que são passados⁴ aos alunos diariamente nas salas de aula?

5.2 CASO DOIS

⁴ E aqui vem uma questão de ordem epistemológica, onde se salienta que os conhecimentos são literalmente “passados” aos estudantes sem que os devidos reclames da educação sejam observados. Disciplinas são colocadas através de informes e soluções postas sem as devidas reflexões e análises aprofundadas por parte dos alunos. Este é um dos fatores que contribuem com estes paradoxos apontados neste trabalho. Para maiores aprofundamentos sobre estes problemas educacionais, com ênfase na educação tecnológica, ver: BAZZO, W.A.; PEREIRA, L.T.V.; LINSINGEN, I. *Educação Tecnológica* – enfoques para o ensino de engenharia. 2.ed. revisada e ampliada. Florianópolis: Edufsc, 2008.

Outro caso também muito discutido entre alunos e professores da universidade é sobre um córrego que atravessa o campus. A simples lembrança de fazer referência a ele mostra como o córrego se tornou algo corriqueiro na vida das pessoas que transitam pela universidade, estando já perfeitamente incorporado ao campo visual de todos. Alguns pontilhões facilitam o trânsito entre os centros de ensino, deixando o problema lá embaixo.

O que mais causa revolta de muitos alunos é o fato de o córrego não ser mais apenas um córrego, mas sim um sistema de esgoto a céu aberto, que além de recolher as águas das chuvas que escoam dos morros ao redor da universidade, também auxilia no acúmulo de lixo, na propagação de odores desagradáveis e na criação de habitats apropriados para a proliferação de vetores de propagação de doenças.

O curso de engenharia sanitária e ambiental passa 72 horas durante um semestre estudando sobre saúde ambiental e mais 54 horas sobre o controle de poluição das águas. Seguem partes das ementas de duas disciplinas ministradas aos alunos do curso.

SAÚDE AMBIENTAL
<i>O ambiente e a saúde</i> <i>Sistemas simplificados de abastecimento de água e</i> <i>tratamento de esgotos</i>
CONTROLE DE POLUIÇÃO DAS ÁGUAS
<i>Sistemas de Esgotos Sanitários</i> <i>Características físicas, químicas e biológicas das águas residuárias</i> <i>Finalidade do tratamento das águas residuárias</i> <i>Tratamento preliminar</i> <i>Tratamento secundário</i> <i>Tratamento terciário. Desinfecção</i> <i>Rede de Esgoto Pluvial</i> <i>Traçado</i> <i>Dimensionamento</i> <i>Materiais empregados</i>

Ressalta novamente a questão: para onde vai o conhecimento que os professores passam⁵ todos os anos a centenas de estudantes? Será que esse conhecimento fica apenas registrado nos livros-texto e cotejado em avaliações formais?

5.3 CASO TRÊS

Outro caso que a grande maioria dos alunos da universidade não vê, principalmente por não ter a oportunidade de passar próximo, é o que se pode chamar de Prédio B, local onde se concentram os estudos em arquitetura e urbanismo. Salas de aula têm apresentação que espelham cenas de descaso e depredação. Considerando o fato de esse ser o ambiente onde os alunos de arquitetura têm suas aulas, e passam a maior parte do seu dia, logo se questiona o quanto a aceitação de um local pouco apropriado e esteticamente mal-cuidado pode estar influenciando na sua formação.

Um das disciplinas do curso de arquitetura e urbanismo traz no nome o tema “projeto e visual”, como segue.

⁵ Novamente aqui relatamos o comportamento comum das aulas que geralmente são praticadas nos cursos tecnológicos, repasse de conhecimentos. Reafirmamos que não se constitui no comportamento epistemológico dos dois professores co-autores deste trabalho.

PROJETO ARQUITETÔNICO E PROGRAMAÇÃO VISUAL

*Sistema e linguagem visual: das organizações estruturais
às significações no processo comunicativo
Noção de sistemas complexos e sua interpretação
pelo design ambiental
O espaço como meio de informação visual
Metodologia de projeto: programa e análise*

Prédios pichados, depredados (muitas vezes pela ação dos próprios alunos), mal acabados, salas de aula mal projetadas são alguns dos problemas que os estudantes enfrentam todos os dias. Aprendem algo e quando saem da sala de aula vêm que nem mesmo seu local de estudo condiz com a teoria.

5.4 CASO QUATRO

Anteriormente foi feita uma referência ao fato de a universidade estar perdendo intelectuais em troca de letrados. Num dos departamentos da área tecnológica da universidade que serve de referência, existe uma disciplina chamada Tecnologia e Desenvolvimento, cuja ementa é descrita abaixo:

TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

*O que é CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)
Definições de ciência, tecnologia e técnica
Revolução industrial
Desenvolvimento tecnológico e desenvolvimento social
Difusão de novas tecnologias
Sociedade tecnológica e suas implicações
As imagens da tecnologia
As noções de risco e de impacto tecnológico
Modelos de produção e modelos de sociedade
Desafios contemporâneos
Influências da ciência e da tecnologia na organização social
Relações entre ciência, tecnologia e sociedade
Questões éticas e políticas*

O curso é baseado em discussões e seminários sobre questões muito presentes na sociedade atual, desde problemas ambientais até soluções técnicas de engenharia. As primeiras aulas dão um enfoque para CTS, como citado na ementa. O engenheiro, de maneira geral, é encarado como um profissional que tanto pode solucionar problemas sociais como pode criá-los e propagá-los. A disciplina tem um peso importante na formação desse tipo de profissional, tanto para seu desenvolvimento pessoal como pelo fato de tentar preservar ou tentar recorrer à velha identidade da universidade de “centro de cabeças pensantes”.

Mas onde está a aplicação destas reflexões dentro da própria instituição?

Fica uma pergunta provocativa: por que a universidade não aplica dentro do seu próprio ambiente o que ensina e trabalha em seus cursos?

6 CONSEQÜÊNCIAS

Algumas das conseqüências desses desacertos – e que bem poderiam receber atenção mais de perto por parte daqueles que pensam o ensino superior brasileiro – são listadas abaixo:

- a educação passa a ter, em muitas situações, o objetivo velado de simples formadora de profissionais;
- o sistema educacional passa a apostar numa mera “robotização” do aluno, sem ensiná-lo a pensar, a refletir sobre o seu papel, sobre a sua responsabilidade no mundo;
- o profissional formado aceita-se como alguém que detém um conhecimento técnico privilegiado, e que deve fazer dele uma arma para ter sucesso no mercado de trabalho;
- o professor, vencido pela competição acadêmica e pela necessidade ferrenha de apresentar resultados para as progressões funcionais, deixa de se importar com o que ensina e com o seu entorno, desligando-o de uma relação de causa e efeito com o que ensina;
- a teoria passa a ser encarada, nem sempre sub-repticiamente, como tendo o ambiente acadêmico como seu habitat natural, e que lá fora o mercado e a vida é que ensinam o que “vale mesmo”;
- acostumados a não vincular o ideal teórico com a sua prática, os atores do processo ensino-aprendizagem – professores, alunos, funcionários, dirigentes... – paulatinamente perdem a noção de que as suas racionalizações dizem respeito a coisas reais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas educação e ensino em nenhum aspecto podem ser considerados de fácil discussão. Em primeiro lugar, envolvem problemas acadêmicos e financeiros e, dessa maneira, envolvem alunos, professores e terceiros. Esses terceiros podem ser compostos principalmente por servidores, governo e sociedade, que por si implicam complexidades merecedoras de análises mais aprofundadas no que diz respeito aos seus compromissos e ideais.

Como se já não fosse suficiente, o tema ainda envolve problemas ideológicos e sociais. Nem todas as pessoas têm acesso à universidade no Brasil, bem como nem todos que têm acesso à universidade tomam isso como um privilégio e um débito para com a sociedade que lhes garante e permite sua permanência ali.

Mas as pessoas que podem influenciar de maneira mais pontual os problemas da universidade são as que estão dentro dela. Porém devido aos problemas atuais das mais diferentes comunidades, torna-se talvez mais imediata a busca de soluções para os problemas que existem fora da universidade, tanto no meio tecnológico como no econômico ou social.

Em suma, a maioria dos alunos quer utilizar a universidade única e exclusivamente como meio de ascensão social, tanto para o caso dos que têm menos recursos, até para o caso dos que têm boas condições financeiras, pois hoje com os problemas sociais existentes no Brasil buscam-se cada vez mais oportunidades, e sem dúvida o meio em que as chances profissionais fluem com maior facilidade é a academia.

A universidade, deixando de ser uma etapa da vida do profissional e passando a ser mera formalidade para a obtenção de um diploma, passa a não surtir mais efeito em termos de laços entre discentes e instituição, e estes têm seus objetivos mais voltados para construção de sua vida profissional do que para contribuir e deixar de ser somente um cliente. Tudo isso é reflexo da vida atual, de uma sociedade contemporânea que tem mais como alvo de prioridades o ter em detrimento do ser.

Em relação aos professores, na citação de Renato Dagnino, vista anteriormente, é clara a necessidade que alguns professores vêm em somente aumentarem o próprio status publicando artigos – em número e no exterior – muitas vezes esquecendo-se de pesquisas que realmente se mostrariam benéficas no Brasil, e esquecem de pensar qualitativamente.

Outro ponto de vista que pode ser adotado em relação ao assunto discutido é que, enquanto muitos estão preocupados em autopromoção, poucos de fato se preocupam com a estrutura da universidade, seu caráter curricular e a garantia do processo de educação e

aplicação.

Ainda falando sobre os professores, se junta a tudo o que foi discutido a questão salarial. Definitivamente o salário que o professor que hoje trabalha numa instituição de ensino superior federal no Brasil não condiz com a sua importância para a universidade e muito menos com o seu poder perante mudanças na sociedade. Como consequência, poucos dos alunos que hoje passam por estes bancos escolares de excelência têm em mente seguir a carreira acadêmica.

Em termos de segurança, como de aplicação de conhecimento construídos dentro da universidade nela mesma, talvez haja ainda uma barreira cultural no Brasil. O que se sabe é que a mobilização deve vir de algum lugar, e é melhor que ela venha de dentro da própria universidade, através da construção de conhecimentos reflexivos, solidários e contextualizados tendo sempre como meta primeira a sociedade como um todo.

Para solucionar um pouco desses desacertos, como disseram vários especialistas, o primeiro passo é quebrar paradigmas de lamentações e começar a agir. Parece ser extremamente geral essa afirmação, porém de tanto subestimar afirmações simples como essa, a universidade encontra-se nesse paradoxo que é hoje, sem superações nos seus aspectos básicos.

8 REFERÊNCIAS

<http://bbcnews.com.br/index.php?p=noticias&cat=189&nome=Polícia 2&id=117590>

<http://br.geocities.com/madsonpardo/ms/entrevistas/mse12.htm>

<http://www.apufsc.ufsc.br/circulacao>

<http://www.espacoacademico.com.br/014/14cprado.htm>

<http://www.revistaespacios.com/a06v27n02/06270235.html>

http://www.sintufsc.ufsc.br/noticias_2007/0503_ru.htm

<http://www.ufsc.br/cagr>

THE PARADOX OF UNIVERSITY EDUCATION: THEORY APPLIED TO THE INSTITUTION ITSELF

***Abstract:** Some of the paradoxes of Brazilian university education are analyzed. With some examples, we present and discuss distinctions between academic discourse – what is taught in classroom – and what the university institution does and accepts from itself, contradicting its own discourse.*

***Keywords:** theory-practice paradoxes, university education, teaching*